

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIA DA NATUREZA - CCN
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA –
PIBIC UFPI

RELATÓRIO FINAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Patrimônio Arqueológico Tremembé: Prospecção Colaborativa

ORIENTADOR (A): DR^a. JÓINA FREITAS BORGES
PROFESSORA-PESQUISADORA UFPI

ORIENTANDO (A): LUDIANE DAS CHAGAS VILELA
ALUNA BOLSISTA PIBIC/UFPI

TERESINA – PI

2015

1 Introdução

O relatório em tela aborda as atividades desenvolvidas e os resultados obtidos por meio do projeto de Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/UFPI: “Patrimônio Arqueológico Tremembé: Prospecção Colaborativa”, tal trabalho faz parte de um projeto maior denominado “Arqueologia (N)ativa: Patrimônio Arqueológico Tremembé – com eles, por eles e para eles” com o nº de cadastro – CPES/PROPESQ/UFPI: CCN-09/2013, coordenado pela professora-orientadora Dr^a. Jóina Freitas Borges na região de Almofala-CE, com a participação de estudantes e bolsistas da graduação em Arqueologia-UFPI, da Pós-graduação em Arqueologia-UFPI e da comunidade Tremembé da região litorânea de Almofala, Ceará.

Os objetivos desta pesquisa foram realizar levantamento documental e bibliográfico; desempenhar entrevistas; registrar e documentar as etapas de campo. Tal estudo possui como foco o relato oral de membros participes da comunidade; as percepções desses membros sobre os sítios arqueológicos; as relações coletivas da comunidade Tremembé; os bens patrimoniais elencados por eles e os significados que os marcos territoriais representam na identidade desta comunidade.

Desse modo, o presente trabalho recorre ao referencial teórico pertinente, norteado pelos conceitos de memória, cultura, identidade e arqueologia colaborativa apresentados pelos autores: Almeida (2004); Almeida (2010); Borges (2006); Cunha (2006); Halbwachs (2004); Hall (2002); Nora (1993); Silva (2009).

As pesquisas em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí –UFPI, às quais integram-se as estruturadas por pesquisadores do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica – NAP/UFPI, desenvolvidas e/ou orientadas pela professora Dr^a. Jóina Borges na região de Almofala-CE vêm sendo realizadas desde o ano 2001. São trabalhos arqueológicos na região litorânea, tradicionalmente ocupada pelos índios Tremembés¹. Tais pesquisas implicaram em diversos tipos de trabalhos científicos: tese, dissertações e monografias (ex.: PASSOS, 2012; BORGES, 2006, 2010).

Este trabalho é uma pesquisa em andamento com o caráter introdutório, servindo de suporte - um mapa guia – que pretende se aprofundar cada vez mais na área

¹ O presente trabalho não segue as normas da “Convenção para a grafia dos nomes tribais”, que foram estabelecidas pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em 14 de novembro de 1953, juntamente com Borges (2010) a palavra no plural expõe a dinâmica e diversidade dos grupos indígenas, enquanto que a ausência da flexão, sugere a ausência de fluidez da identidade e a manutenção de um discurso dominante, que atualmente os estudos sobre os indígenas pretendem desconstruir.

pesquisada ao longo e para além do período da pesquisa de iniciação científica, tornando se futuramente em Trabalho de Conclusão de Curso em Arqueologia/UFPI, e possível projeto de mestrado.

2 Revisão de Literatura

2.1 Localização da área de estudo – Almofala - CE

A região de Almofala está situada no litoral oeste do Estado do Ceará, constitui-se atualmente como distrito do Município de Itarema (Imagem 01).

IMAGEM 01- Distrito de Almofala - CE



Fonte: Google Earth, 2015.

A distância linear entre os dois sítios arqueológicos é aproximadamente 700m. Tais sítios estão a cerca de 8 km de distância da sede do distrito de Almofala e se concentram nas proximidades da Lagoa Luis de Barros (Imagem 02).

IMAGEM 02 - Distância linear entre o distrito de Almofala e os sítios arqueológicos



Fonte: Google Earth (adaptado por VILELA, 2015).

A chegada aos sítios arqueológicos se dá pela rodovia estadual CE-085 até o entroncamento na entrada da localidade Morrinhos, que dá acesso a localidade Tapera próxima aos sítios arqueológicos (citados acima).

A Tabela 01 indica as coordenadas UTM dos sítios arqueológicos sobre dunas e da Igreja de Almofala-CE.

TABELA 01- Localização dos sítios arqueológicos e da Igreja de Almofala

LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS (DATUM W6S84 – ZONA 24 M - UTM).		
LOCAIS	LONG.	LAT.
Sítio Lagoa do Toco	414564	9672129
Sítio Duas Moitas	415080	9671654
Igreja de Almofala	408144	9675007

Fonte: VILELA, 2015.

2.2 Marcos Territoriais Tremembés

Os marcos territoriais são locais testemunhos do aldeamento indígena na região de Almofala-CE. Segundo o relatório GT Tremembé (1992), os marcos (Imagem 03) remetem a época que os índios foram aldeados, formados por setes locais eleitos em reuniões para a demarcação das terras indígenas pela FUNAI nos anos 90.

A Tabela 02 expõe as coordenadas em UTM dos marcos territoriais².

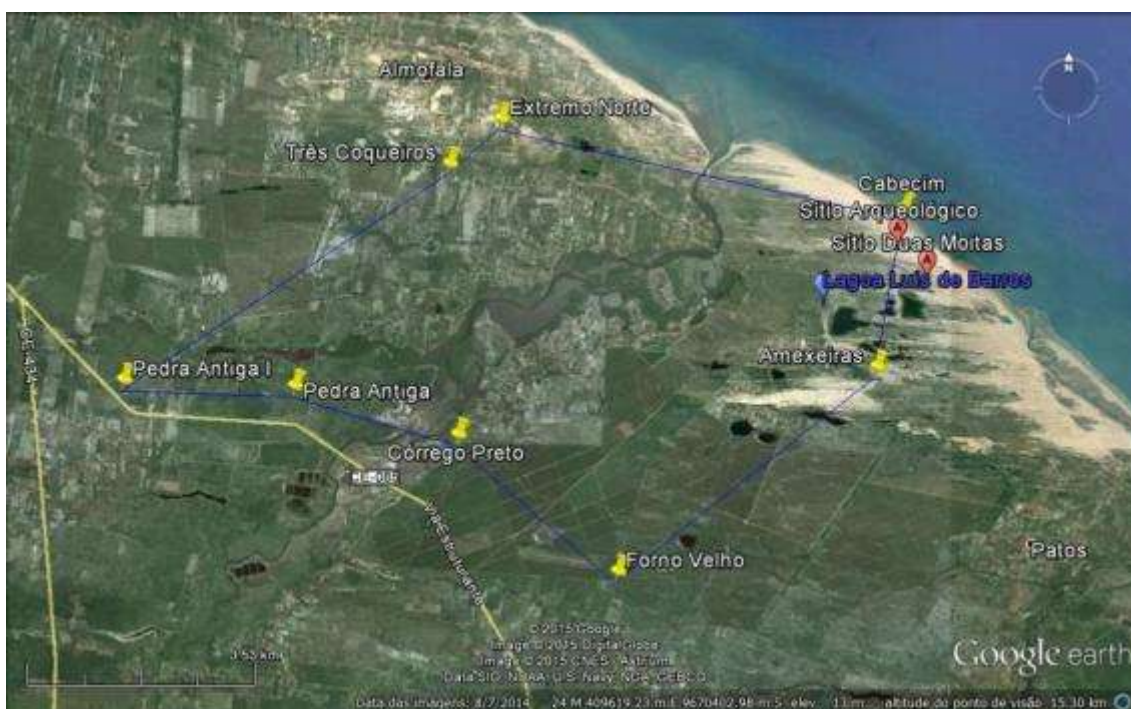
TABELA 02 – Localização dos Marcos Tremembés – Almofala - CE

MARCOS TERRITORIAIS (DATUM W6S84 – ZONA 24 M – UTM)		
LOCAIS	LONG.	LAT.
Cabecim	414683	9672629
Amexeiras	414259	9670185
Forno Velho	410239	9667028
Córrego Preto	407761	9669136
Pedra Antiga	405232	9669883
Pedra Antiga I	402581	9669973
Três Coqueiros	407629	9673309

Fonte: Relatório da FUNAI, 1992 (Adaptador por Vilela, 2015)

² Os dados cartográficos foram baseados no relatório da FUNAI (1992) e convertidos para coordenadas cartográficas em UTM para o melhor manuseio dos instrumentos de navegação e localização (GPS) utilizados em campo.

IMAGEM 03 – Localização dos Marcos Territoriais dos Tremembés – Almofala - CE



Fonte: Google Earth (Adaptado por Vilela, 2015)

2.2 Entre memória e narrativas: Uma breve contextualização histórica Tremembé

A história dos Tremembé tomada enquanto camadas deposicionais do tempo, forma estratos diversos e complexos (tais como: a invasão da costa nordestina por europeus e as relações de contato), constituindo-se parte peculiar da história do Brasil.

Segundo Nora (1993, p. 09), a história é “[...] uma reconstrução problemática e incompleta do que já não existe” e assume sempre os interesses e empenhos de quem a conta.

O presente relatório busca constantemente uma história contra-hegemônica, que não engole a história do Brasil como um processo de miscigenação pacífico entre índios, brancos e negros, mas como “um sangrento drama social” (MESSEDER, 1995, p. 19), de forma que seus atores possuíram e possuem papéis significativos e centrais para além do destaque ardil do homem branco.

Dessa maneira, o processo de colonização da costa norte do Brasil é peculiar pelo fato de apresentar quase dois séculos de resistência a ocupação europeia. De acordo com Borges (2010, p. 18) somente a partir do século XVIII houve a incorporação dos índios aos aldeamentos.

É importante destacar o papel ativo do índio ao longo do processo de colonização do Brasil. Tal figura elaborou e teceu táticas, alianças e negociações formando coalizões com os europeus e outros índios (CUNHA, 2006).

Segundo Borges (2010) é possível que a identidade Tremembé tenha começado a surgir juntamente com os índios tapuias da Costa Leste-Oeste³, por volta do ano 1611, segundo os relatos de Diogo de Campo Moreno, nesse período os índios eram atribuídos a etnônimos exemplo *teremembés*:

É de se acreditar que a identidade tremembé tenha começado a surgir junto aos tapuias da Costa Leste-Oeste, que efetuaram pazes com Martim Soares Moreno, desde 1611. Não há como saber por que Diogo de Campos Moreno ([1614] 2002, p. 34) empregou o etnônimo, mas foi ele quem relatou sobre as notícias que seu sobrinho Martim Soares Moreno enviara do *Pará* (Rio Parnaíba - PI), antes de passar ao Maranhão, afirmando “[...] que tratara amizades com os *Teremembés* [...]”, entre fins de 1612 e começo de 1613 (BORGES, 2010, p. 218, grifos do autor).

Os Tremembés – agentes políticos – traçaram suas estratégias de acordo com seus interesses, desde as trocas negociadas com brancos e outros índios, como também coibindo a instalação definitiva no seu território.

Conforme Borges (2006, p. 114, grifo do autor):

Ao que tudo indica *os tremembés foram bastante receptivos às inovações trazidas pelos brancos, o que os tornou verdadeiros comerciantes de madeira e âmbar, mas não permitiram que os europeus se instalassem de forma definitiva no seu território*, pelo menos nos dois séculos iniciais após o “descobrimento”. Longe da dicotomia simplista que classifica as culturas indígenas entre anjos ou demônios, os tremembés, como quaisquer outros homens, tentaram preservar seus interesses e domínios a todo custo. Eles reagiram às tentativas de dominação, se aliando ou combatendo os estrangeiros segundo as suas necessidades, sendo verdadeiros mercenários em algumas ocasiões. De toda forma, algumas de suas ações derrubam a visão idílica de “índios inocentes” que foram “exterminados” pelo branco mais ardiloso para não usar a palavra implícita, “inteligente”.

Desse modo, somente a partir do século XVIII ocorreu o processo de incorporação dos índios Tremembé aos aldeamentos. Segundo Borges (2010, p. 254), foram formadas duas missões: “a de Nossa Senhora da Conceição, em Almofala

³ A Costa Leste-Oeste refere-se ao litoral norte brasileiro que inclui atualmente os estados do Ceará, Piauí, Maranhão até o Pará marcado pelo rio Amazonas. Segundo Borges (2010, p. 15) “[...] costa norte brasileira, durante os séculos XVI e XVII, era comumente chamada de Costa Leste-Oeste, em virtude dos ventos e correntes marinhas, que ali se deslocam nessa direção”.

(Ceará), em 1702, e a de Nossa Senhora da Conceição, de Tutóia (Maranhão), em 1722”.

Assim, no início do século XVIII, o padre José Borges de Novaes recebeu concessões de terras pelo rei de Portugal para realizar o aldeamento dos Tremembés localizado próximo ao rio Aracati-mirim, Almofala-CE (MESSEDER, 1995; NASCIMENTO, 2001; BORGES, 2006, 2010).

Em 1712, os colonizadores iniciaram a construção da capela “[...] a invocação de Nossa Senhora da Conceição [...] a princípio de taipa e coberto de palha” posteriormente edificada em alvenaria, tendo levado cerca de 46 anos para ser concluída (MESSEDER, 1995, p. 35).

Por volta de 1766, o aldeamento de Aracati-mirim passa a ser intitulado Nossa Senhora da Conceição de Almofala e a partir das políticas pombalinas é transformado em freguesia indígena (NASCIMENTO, 2001; MESSEDER, 1995).

Segundo Borges (2006, p. 128), o aldeamento era considerado como um “porto seguro construído a duras penas [...]”, um “último recurso” aos índios Tremembé para se manterem em suas terras, bem como, manter a própria existência.

Um dos símbolos do aldeamento - a igreja de Nossa Senhora de Almofala tornou-se o centro demarcatório original das terras Tremembé e constitui-se na contemporaneidade também como marcador de lembranças (memória coletiva⁴), lugar de memória⁵ e identitário da comunidade (MESSEDER, 1995; NASCIMENTO, 2001; PORTO ALEGRE, 2000; BORGES, 2006, 2010; MACHADO, 2013).

Nesse sentido, a igreja de Nossa Senhora de Almofala (Fotografia 03), investida de identidade, de memória coletiva e marcador territorial constitui-se como Patrimônio Cultural⁶ – integra as narrativas e o sentimento de pertencimento da comunidade Tremembé. Tal patrimônio foi tombado pelo IPHAN em 1980 e “restaurado de modo a manter o desenho original da edificação” (PORTO ALEGRE, 2000).

⁴ Segundo Halbwachs (2004), a lembrança é um reconhecimento e reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente em conjunto com outras reconstruções feitas em épocas anteriores por um indivíduo que sofre coerção dos atores sociais.

⁵ Segundo Nora (1993) são lugares de memórias, que abarca os objetos materiais e concretos, simbólicos e funcionais, a memória se cristaliza nos lugares e a história uma representação do passado.

⁶ Conforme o Art. 216 da Constituição Federal (1988) é considerado bem de natureza material e imaterial todo aquele que portar referências identitárias, de ação e memória de grupos que formam a sociedade brasileira.

FOTOGRAFIA 03 - Fotografia atual da Igreja de Nossa Senhora de Almofala-CE.



Foto: VILELA, 2014.

Entre o período de 1897 a 1940, a igreja foi soterrada por dunas móveis – ressurgindo no ano de 1941 (Imagem 04). Esse acontecimento também se constitui importante marcador na memória coletiva da comunidade, pois envolve as narrativas de conflitos de retirada dos santos da igreja; a mudança da população para outras áreas; a ação coletiva de remoção da areia e o retorno conflituoso entre antigos moradores e novos ocupantes (MESSEDER, 1995; NASCIMENTO, 2001; PORTO ALEGRE, 2000; BORGES, 2006; MACHADO, 2013).

IMAGEM 04 - Imagem da Igreja no momento coletivo da retirada da areia.



Fonte: SITE PANORÂMICO, 2014.

De acordo com Porto Alegre (2000, p. 07), tem início “[...] um segundo ciclo narrativo” sobre as experiências vividas, acompanhadas de novos problemas em relação a “revitalização do povoado”.

Os novos problemas, *mas com essência de antigas práticas*, foram protagonizados pelo choque com a “gente de fora”, formada por comerciantes e produtores rurais, apoiados por representantes do Estado e da Igreja que começaram a se instalar crescentemente em Almofala a partir de 1950 (VALLE, 1993 *apud* PORTO ALEGRE, 2000, p. 08; MESSEDER, 1995, p. 35).

Em 1980, com a expansão do cultivo extensivo de coco-da-baia (*cocos nucifera*), a chegada de mais agricultores e a instalação da Empresa Ducoco Agrícola S. A., a problemática da terra torna-se mais conflituosa.

A empresa expulsou as famílias residentes na Tapera, sob a alegação de que aquela localidade estava incluída na transação comercial. Tendo suas moradias destruídas, uma parte dos habitantes da Tapera foi fixar-se junto aos parentes na Batedeira e Varjota enquanto outros ficaram onde estavam, formando um aglomerado precário hoje conhecido como Vila Ducoco, uma faixa alagadiça do mangue, imprópria para a agricultura, imprensada entre o rio e as cercas colocadas pela empresa. Os índios ficaram privados das principais fontes de sustento, pois foram proibidos de pescar, caçar, criar animais e fazer suas roças nos terrenos cercados e, até mesmo, de atravessá-los (PORTO ALEGRE, 2000, p. 10).

Com o aumento dos conflitos em relação à questão da terra, os Tremembés começaram a se organizar. De modo que, à mobilização gerou-se um processo de afloramento público da identificação étnica (PORTO ALEGRE, 2000, p. 10). Assim, a conquista da terra pelo direito originário desembocou em outra luta – a de reafirmação étnica e do reconhecimento enquanto povo indígena.

Ao longo do tempo, a história Tremembé foi marcada principalmente pelas investidas da *gente de fora*, dos diversos agentes que tentaram mecanismos variados de expropriação dos seus direitos sobre a terra, a história, a memória – até mesmo sobre a sua identidade e seu sangue. Os Tremembés resistem ao diversos momentos – do passado e do presente – afirmamos que, ser Tremembé tem sido dessa maneira sinônimo de negociação, luta e resistência.

Atualmente, a “condição” de “estar” e “posição” de “ser” (BORGES, 2006, p. 35) Tremembé no seu território é fonte de nova luta, pois durante vários anos assumir a identidade indígena era perigoso, principalmente antes da Constituição Federal de 1988.

Desse modo, ao reivindicar sua identidade e a terra, tal grupo utiliza de mecanismos que atestam seus reclames – os sítios arqueológicos que existem na região de Almofala são apresentados como testemunho de ocupações de seus ancestrais.

Conforme Borges (2006), os sítios arqueológicos que são destacados na oralidade representam uma história do passado de grupos humanos que ocuparam a região:

[...] Ali foi um passado, ali foi aonde ele viveu, onde ele teve a convivência dele, ali tem **um significado**, não é? Aonde se dá com uma tapera de casa agente sabe que ali tem um... toda **uma história, uma tradição, do passado daquela família que morou** ali, né? Então pra gente é a mesma coisa, a gente não tem assim... aquilo como uma grande... né? Mas a gente tem o respeito porque ali a gente sabe que morou um... uma pessoa da família, morou um parente [...] **Um antepassado da gente que morou ali**. Isso é idêntico, né? Todo mundo tem um... tem essa... esse critério, esse respeito por isso (VENANÇA, 2005 apud BORGES, 2006, p.118- 122, grifos nossos).

Portanto, os sítios são percebidos como testemunho dos antigos índios que viviam na região – seus ancestrais deixaram marcas na paisagem – esses vestígios de ocupações pretéritas são dotados de valores simbólicos. Tal patrimônio é apropriado pela comunidade Tremembé atribuindo a relação de pertencimento.

Além dos sítios arqueológicos, os marcos territoriais também são apresentados pela comunidade como testemunho da ocupação Tremembé na região. Os marcos são lugares de memória onde a comunidade mantém relações físicas e simbólicas. Tal afirmativa é verificada principalmente pela memória oral da comunidade que expressam narrativas apropriadas e agenciadas por nós pesquisadores e transfigurada em um discurso arqueológico.

A arqueologia é mais do que uma prática de metodologia científica de colecionar, interpretar e formar dados a partir da cultura material. Na prática arqueológica as memórias são apagadas, lembranças cultivadas e pessoas envolvidas. Os arqueólogos são especialistas nas coisas do passado humano e das suas memórias (HILBERT, 2010). A Arqueologia também é um modo de compreender a história local e incluir grupos que foram excluídos da historiografia hegemônica.

Dessa maneira, a arqueologia torna-se mais que um meio no processo entre a reafirmação étnica, os marcos territoriais e os sítios arqueológicos – torna-se um campo de discussão e de militância. Assim sendo, a arqueologia colaborativa⁷ pode contribuir

⁷ “Arqueologia Colaborativa (*Community Archaeology*), é entendida como uma prática arqueológica que visa estabelecer a colaboração e o envolvimento de diferentes coletivos [...] é um de ver e conhecer o mundo entre dos arqueólogos/etnoarqueólogos e dos indígenas” (SILVA, F. A. et al., 2011, p. 37).

na construção de conhecimento e perspectivas de *ver* o mundo, promovendo a interação social. É uma forma de praticar Arqueologia por uma perspectiva interativa, que torna a comunidade o principal agente de ação no fazer arqueológico.

3 Metodologia

A presente pesquisa tomou corpo a partir de reuniões táticas durante o período de agosto a dezembro de 2014, com a professora-orientadora Jóina Freitas Borges. Assim, definimos metodologias que melhor explorassem os dados disponíveis para essa fase do trabalho: levantamento documental e bibliográfico; a pesquisa de campo que inclui a prospecção arqueológica e a realização de entrevistas.

O levantamento documental e bibliográfico tornou-se etapa fundamental da pesquisa. Tal busca proporcionou o encontro de livros, teses, dissertações, artigos e documentos - nos mais diversos meios (ex: bibliotecas, internet e arquivos públicos) - a fim de obter literatura fundamental e especializada para compor as referências do trabalho. Ademais, as obras levantadas são fichadas e discutidas nas orientações com a finalidade de dialogar com os autores por meio dos seus escritos e captar dados para análises.

A etapa de pesquisa de campo foi realizada em duas campanhas, ambas coordenadas pela professora Jóina Freitas Borges: a primeira nos dias 28 a 30 de outubro de 2014 e a segunda nos dias 02 e 03 de junho 2015.

1º Campanha de Campo

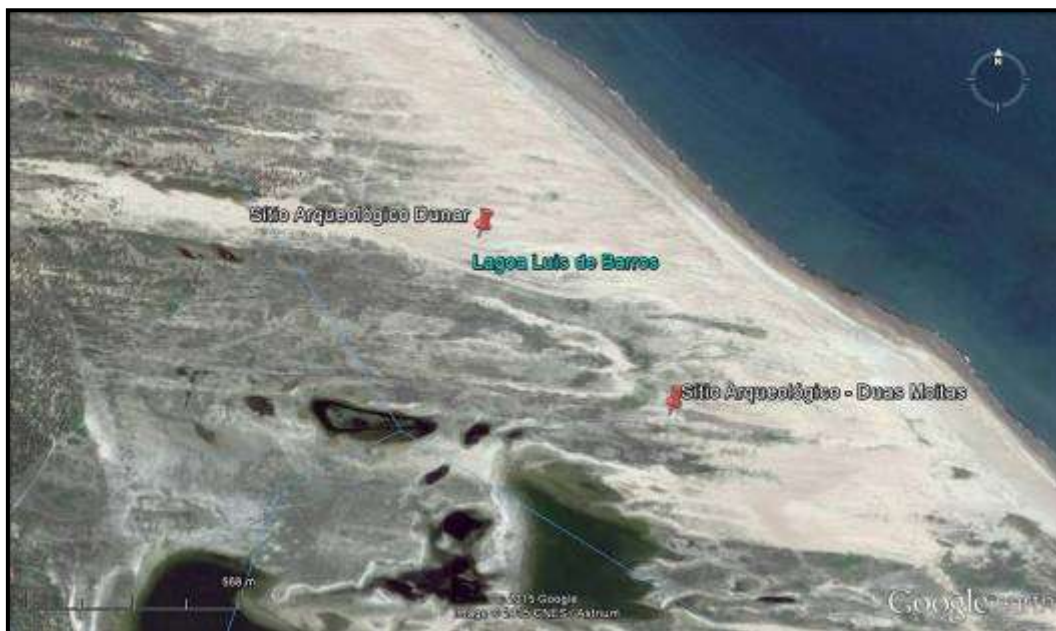
A primeira campanha de campo contemplou a participação das orientandas Regina Marques Passos (orientanda do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia – PPGArq/UFPI), Tailine Rodrigues (estudante do Curso de Arqueologia/UFPI) e Ludiane Vilela (bolsista PIBIC/UFPI, orientanda de monografia e aluna do Curso de Arqueologia/UFPI).

Além das pesquisadoras da Universidade Federal do Piauí-UFPI, a campanha de campo também contou com a ativa e fundamental colaboração da comunidade Tremembé. As visitas aos sítios arqueológicos e aos entrevistados foram continuamente acompanhadas por representantes da comunidade Tremembé, delegados em reuniões pelos mesmos.

A saída para a campanha de campo deu-se de Teresina-PI à região de Almofala-CE, no dia 28 de outubro de 2014. O transporte foi proporcionado com o apoio da UFPI, que concedeu o veículo e o motorista.

A chegada a área da pesquisa foi marcada de imediato com caminhamento e varredura no entorno do sítio arqueológico Lagoa do Toco nas proximidades da Lagoa Luis de Barros (Imagem 05).

IMAGEM 05 - Sítios arqueológicos situados na Lagoa Luis de Barros.



Fonte: Google Earth (adaptado).

Assim, a metodologia empregada em campo, nesta fase da pesquisa, foi desenvolvida a partir dos preceitos expostos nas obras de Bicho (2006) e Domingo et. al. (2010), dividida nas seguintes etapas: reconhecimento e prospecção de superfície - caminhamentos e varreduras – medidas de natureza não intrusivas ao solo.

O reconhecimento e a prospecção tiveram como objetivo também a compreensão da área, do espaço e da paisagem, tentando observar como essas foram utilizadas e exploradas por grupos humanos atuais e pretéritos. O estudo prévio necessário para entender tal dinâmica espacial foi obtido a partir de observações *in loco* e por meio das pesquisas já mencionadas anteriormente.

Segundo Gaspar (2006) essas caminhadas visam identificar locais com maior potencial arqueológico, ao mesmo tempo em que cobrem de forma eficiente o terreno prospectado. Esta metodologia permitiu a identificação de elementos de cultura material e estruturas associadas à ocupações pretéritas (Fotografia 06).

FOTOGRAFIA 06 - Prospecção de superfície – Caminhamento e Varredura.



Foto: VILELA, 2014.

A prospecção realizada no sítio arqueológico Lagoa do Toco aconteceu no dia 28 de outubro de 2014, durante o período da tarde. Este sítio constitui-se antigas dunas, com presença de materiais diversos - fragmentos cerâmicos, líticos e materiais malacológicos – dispersos na superfície (Fotografia 12). Assim, para o registro e documentação da campanha foram utilizados GPS de navegação, caderno de campo, câmera fotográfica e bússola.

Após esta atividade, seguiu-se à casa do Sr. Estavão Henrique - índio Tremembé e antigo ocupante da região – que solicitou a equipe de arqueologia apoio para não removerem os vestígios dos sítios arqueológicos.

Durante o período da noite foi realizada uma reunião com membros da comunidade. Tal encontro aconteceu na Escola Indígena da Tapera, tendo a presença dos jovens membros e professores da comunidade que apontaram como pautas: a atual situação política da região de Almofala entre o Cacique e o Pajé; a conjuntura coletiva entre as lideranças e os jovens membros da comunidade; a importância dos sítios arqueológicos; a solicitação de mais proteção aos sítios arqueológicos para ser enviada ao IPHAN-CE com apoio dos trabalhos realizadas pelos pesquisadores da UFPI; a questão da demarcação das terras.

Esta reunião proporcionou um momento oportuno, de modo que, foi gravada a entrevista não estruturada com o Sr. Manuel. Tal relato oral constitui-se trinta e quatro minutos e vinte e sete segundos de gravação de áudio – que foi transcrita pela orientanda Tailine Rodrigues. Os materiais utilizados para a gravação foram o caderno de campo, câmera fotográfica e o gravador.

Segundo LATOUR (2000 *apud* SOUZA & CRIPPA, 2009), filmagem, fotografias, objetos selecionados e textos, realizam uma operação de seleção, extração e redução do mundo ao sintetizar informações de um lugar ou acontecimento. Para a produção desses dados, pesquisadores arqueólogos, que possibilitam a interação com lugares, uma ‘periferia’ de onde se extrai estes registros, e um ‘centro’ onde é possível reuni-los com propósitos determinados.

No dia 29 de outubro de 2014, no período da manhã foi realizada a prospecção no sítio arqueológico Duas Moitas. Esta atividade foi acompanhada pelo Sr. José Ednar e seu neta Adriane – índios Tremembé - membros da comunidade (Fotografia 07).

FOTOGRAFIA 07 - Prospecção colaborativa – Participes Sr. Ednar Felix e Adriane.



Foto: VILELA, 2014.

Após a visita técnica ao sítio arqueológico, deu-se prosseguimento a gravação de mais entrevistas com os moradores locais, foi visitada a casa do Sr. Luiz Marciano e de sua esposa Dona Maria Santa Marciano – as transcrições de tais entrevistas foram realizadas por Regina Marques Passos (no período da campanha era aluna de mestrado do Programa PPGArq/UFPI - Fotografia 08) para compor dados da dissertação de mestrado defendido no período 2015.1, porém ainda não foi publicada.

FOTOGRAFIA 08 - Entrevista na casa de Sr. Luiz e Dona Santa – Tapera – Almofala - CE.



Foto: VILELA, 2014.

Durante o período da noite a equipe de arqueologia da UFPI participou de uma reunião com as lideranças da comunidade, esta reunião foi documentada com filmadora, câmera fotográfica e registro em caderno de campo. Tais dados também serão analisados em etapas futuras do projeto (Fotografia 09).

FOTOGRAFIA 09 - Reunião com as lideranças Tremembé.



Foto: VILELA, 2014.

A campanha de campo foi finalizada no dia 30 de outubro de 2014, no período da manhã, com a visita técnica a Igreja de Almofala e ao Museu de Itarema para registro fotográfico.

2º Campanha de Campo

Os objetivos principais da segunda campanha de campo foram a entrega do documento de denuncia sobre a vulnerabilidade dos sítios arqueológicos aos órgãos: IPHAN/CE, IBAMA, MPU e a comunidade de Almofala, juntamente com abaixo-assinado elaborado pela comunidade; E a prospecção realizada nos marcos territoriais Tremembé.

Essa campanha de campo foi realizada nos dias 02 e 03 de junho de 2015, além de reuniões específicas com a comunidade, foi realizado também as prospecções arqueológicas em três marcos territoriais (Forno Velho, Cabecim e Amexeiras).

Assim, durante a primeira campanha de campo realizado em outubro de 2014 após uma conversa com Sr. Manuel (porteiro da Escola da Tapera, antigo morador da região e índio Tremembé), tanto os pesquisadores de arqueologia/UFPI como os próprios Tremembés demonstraram interesse em prospectar as áreas dos marcos territoriais, a muito conhecidos pela memória e história oral Tremembé.

A equipe da Universidade Federal do Piauí para esta campanha foi composta pela profª. Jóina Freitas Borges, Ludiane das Chagas Vilela e pelo Sr. Lincole Barbosa da Silva (motorista efetivo/UFPI).

A saída de Teresina deu se as 07:20h no dia 02 de junho de 2015. E a chegada em Itarema deu se as 13h30h também no mesmo dia.

Após o almoço (por volta das 14h30), iniciaram as atividades de campo, a primeira atividade foi a visita técnica ao cacique João Venança, que recebeu uma cópia do documento de denuncia⁸. Em conversa o Cacique João Venança afirmou o que a comunidade Tremembé está preocupada com as instalações dos Parques Eólicos na região de Lagoa Seca e Morro do Comum.

Durante o período da tarde foi realizada uma visita técnica ao Sr. Estevão, que recomendou os melhores horários e rotas aos marcos territoriais, e indicou seu filho Sr. Manuel Pirino para acompanhar a equipe de arqueologia e conduzir a prospecção.

⁸ O documento foi elaborado por Ludiane Vilela e corrigido pela profª Jóina Borges, que adotaram as recomendações e os preceitos do Art. 216 da Constituição Federal de 1988 e a Lei 3.924/61 que resguardam o patrimônio cultura, e especificamente o patrimônio arqueológico.

Durante o período da noite (19h) foi realizada uma reunião com representantes da comunidade Tremembé na Escola da Tapera – Almofala - CE. Nesta reunião estavam presentes antigos moradores da localidade⁹ e professores¹⁰ da Escola da Tapera.

Fotografia 10 – Reunião com representante Tremembé – Escola da Tapera – Almofala



Foto: VILELA, 2015.

Nesta reunião foi escolhido pelos próprios representantes (e entre eles), os condutores da prospecção. Posterior a escolha dos condutores, foi apresentado os pontos dos marcos territoriais no Programa *Google Earth* para melhor visualização dos locais e da região.

Assim, neste momento foi perceptível a empolgação dos presentes ao ver os marcos territoriais em mapa, projetado pelo computador. Tal empolgação deu margem para o Sr. José Arteiro se aproximar e mostrar para todos os presentes o local onde fica sua jangada e barraca de pesca, dando margem e abertura a todos os outros a localizarem suas residências e locais de trabalhos, os lugares da vida cotidiana de cada um.

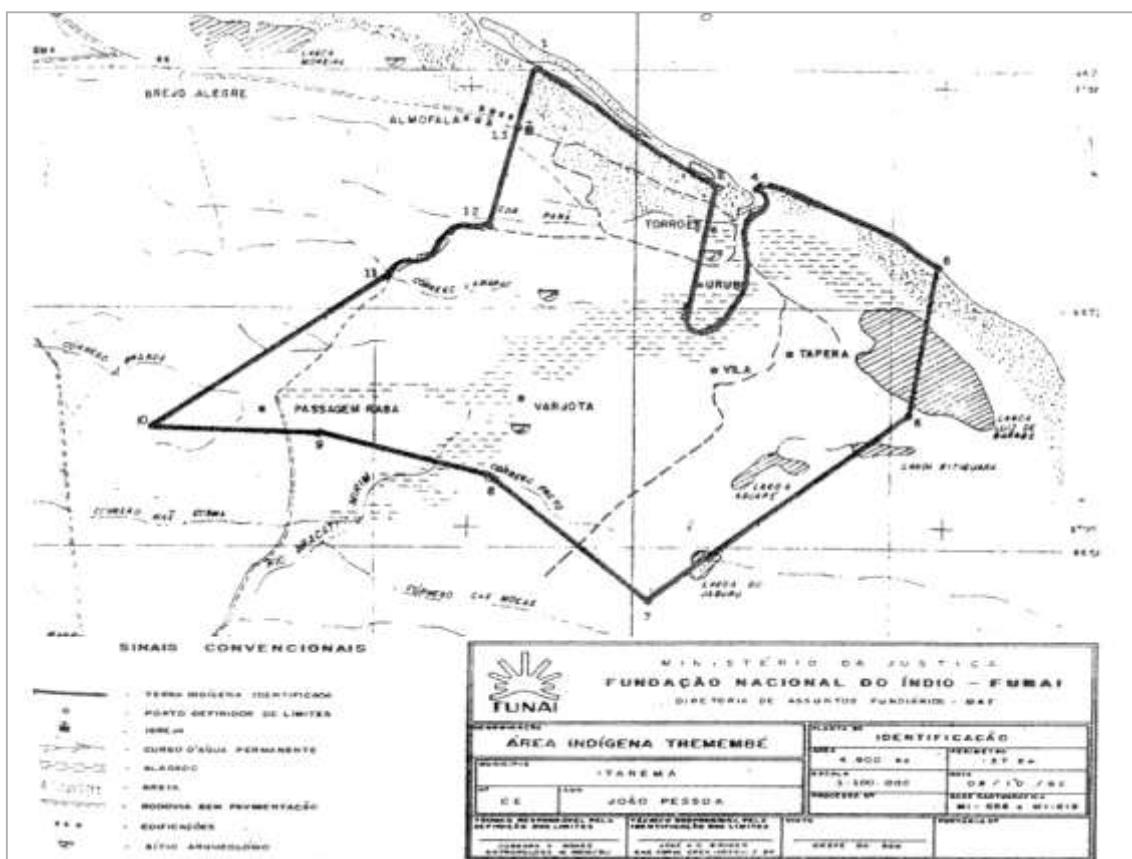
A dificuldade inicial foi a localização desses pontos em mapa, sendo superada quando os membros da comunidade apresentaram o relatório técnico elaborado pela FUNAI nos anos 90, que tinha o objetivo de demarcar as terras indígenas (nesse relatório inclui mapas e coordenadas geográficas dos marcos e limites das terras indígenas).

⁹ Antigos moradores: Sr. José Arteiro Marciano, Sr. José Maria, Sr. Manuel Pirino, Sr. Valete, Sr. Rejano, Sr. Manuel dos Santos (apelido Manel Doca) e Robério.

¹⁰ Professores: Eudes Rufino, Zezinho, Evandro Felix da Rocha e Naldinho.

Desse modo, apropriou-se dos dados cartográficos que foram transcritos para o GPS (*Garmim Portátil Gpsmap 64map*), foi realizada a conversão dos dados cartográficos para coordenadas em UTM permitindo a plotagem das coordenadas em GPS e no Google Earth (que proporcionou a visualização dos pontos em mapa – Imagem 06).

IMAGEM 06 – Mapa elaborado pela FUNAI – Marcos Territoriais



Fonte: FUNAI (1992, Adaptado por Vilela, 2015).

A prospecção realizada aos marcos territoriais seguiu os mesmos preceitos teóricos e metodológicos da primeira campanha de campo desta pesquisa. Assim baseado em Bicho (2006), Domingo et. al. (2010) e Gaspar (2006), foram realizados reconhecimento e prospecção de superfície - caminhamentos e varreduras – medidas de natureza não intrusivas ao solo da área prospectada.

4 Resultados e Discussão

Os resultados constituem em dados obtidos a partir das campanhas de campo e prospecções aos sítios arqueológicos e marcos territoriais. Será apresentada ainda, a entrevista do Sr. Manuel dos Santos, como uma “pequena” amostra do potencial da história oral local. Assim, tais dados confirmam o potencial arqueológico, político e poético da região, investidos de oralidade que evidencia a ancestralidade desta comunidade na paisagem da área de estudo.

4.1 Os sítios arqueológicos: Lagoa do Toco e Duas Moitas – Almofala - CE

O sítio arqueológico Lagoa do Toco é formado por dunas antigas (de segunda geração), que apresentam significativa concentração de material sobre a superfície. Este sítio é cortado por diversos corredores eólicos, que são utilizadas pelos populares como locais de passagem, ou seja, as vias passam por cima dos materiais arqueológicos. Desse modo, a livre circulação de veículos e pessoas sobre o sítio dificulta o estado de conservação das peças.

De acordo com a movimentação das dunas, há períodos em que os materiais arqueológicos ficam encobertos por areia e em outros voltam a surgir. Assim, a maioria desses materiais apresentam desgastes devido a movimentação da duna.

É importante destacar que as dunas chegam a possuir cerca de 15 a 20 metros de altura permitindo uma visão estratégica do entorno.

FOTOGRAFIA 11 - Sítio Arqueológico Lagoa do Toco – Corredor Eólico.



Foto: VILELA, 2014.

Os materiais ocorrentes neste sítio são: fragmentos cerâmicos, líticos polidos e lascados e materiais malacológicos - entre os malacológicos a maior ocorrência são bivalves (Fotografias 12 a 14).

Os fragmentos cerâmicos são diversos (há presença de bojos, bordas, bases e outros), apresentam queima incompleta e/ou completa (Fotografia 12).

FOTOGRAFIA 12 - Material cerâmico disperso em superfície – Sítio Lagoa do Toco.



Foto: VILELA, 2014.

Os materiais líticos são compostos por tipos diversos de matéria-prima, como: sílex, sílexito, calcedônia, gnaisse, seixos de quartzo e arenitos silicificados. São ocorrentes nas formas: polidos e lascados - sendo maior a ocorrência de lascas.

FOTOGRAFIA 13 - Material lítico: Lascas - disperso em superfície – Sítio Lagoa do Toco.



Foto: VILELA, 2014.

FOTOGRAFIA 14 - Material malacológico disperso em superfície – Lagoa do Toco.



Foto: VILELA, 2014.

O sítio arqueológico Duas Moitas – Almofala/Ceará (Fotografia 15), possui características semelhantes ao Sítio Lagoa do Toco. Os materiais encontrados em Duas Moitas são: fragmentos cerâmicos, líticos - com concentração de lascas - e material malacológico (Fotografias 15 a 18).

Porém, uma característica peculiar no sítio Duas Moitas é a ocorrência de montículos não identificáveis que apresentam a coloração do solo distinta do entorno (Fotografia 18).

FOTOGRAFIA 15 - Sítio Arqueológico Duas Moitas- Prospecção Colaborativa.



Foto: VILELA, 2014.

FOTOGRAFIA 16 - Material Cerâmico disperso em superfície: Borda – Sítio Duas Moitas.



Foto: VILELA, 2014.

FOTOGRAFIA 17 - Material lítico e material malacológico dispersos em superfície.



Foto: VILELA, 2014.

FOTOGRAFIA 18 - Estrutura não identificada – apresentam machas cinzas no solo.



Foto: VILELA, 2014.

4.2 Relato Oral: Sr. Manuel – membro da comunidade Tremembé

Os marcos territoriais Tremembé estão sempre presentes na oralidade da comunidade. Segundo o Sr. Manuel (2014), em entrevista cedida a equipe de arqueologia-UFPI, existem quatro marcos que indicam os limites das terras Tremembé e que fazem parte da memória da comunidade: as Almeixeiras, a Carnaúba Furada, o Forno Velho e o Cabecin:

Por que a areia vai aterrando, pois é e vai se desgastando um pouco, de qualquer maneira vai se desgastando um pouco, pois é. Do **Cabecin**, nós temos vários pontos, que está no mapa, mas a gente está no mapa só na história, mas ai eu pergunto cadê? Cadê as **Almeixeira**, cadê a **Carnaúba Furada** e depois disso, nós temos a história do nosso **Forno Velho** (MANUEL, 2014, grifos nossos).

Podemos perceber a menção e semelhança nos relatos conforme a entrevista do Sr. Estevão Henrique cedida a Messeder (1995):

O terreno que era dos Tremembés. Os tronco véio não tinha agregado. (...) A terra de Nossa Senhora da Conceição, da Lagoa do Moreira até **as amexeiras**. Nascia da Lagoa do Moreira para o Bambuzeiro (Córrego Grande), **a agulha do travessão** passou por um galho de gameleira, atravessa para a ilha do Sal daí para o **Forno Velho**. (...) O marco dos índios atravessou o Aguapé, pegou o galho de perobeira, passou **pra'samexeira**(...) (ESTEVÃO HENRIQUE, 1995, apud MESSEDER, 1995, 49, grifos nossos).

De acordo com o relato do Sr. Manuel (2014), as “Ameixeiras” correspondem a espécies de plantas presentes no local, a “Carnaúba Furada” corresponde a palmeira na qual foi colocada “a agulha do travessão”, o “Cabecim” e o “Forno Velho” estão associados a lugares de antigas ocupações, “[...] O Forno Velho ele é a marcação da terra e quando os nossos avôs, nos bisavôs se entenderam, já foi, já tinha, já existia o Forno Velho [...]” (SR. MANUEL, 2014).

Com base somente na oralidade, existiu a hipótese do local Forno Velho ser um sítio arqueológico com presença de estruturas de combustão, de modo que as cinzas podem ser vestígios dessa estrutura, possivelmente era uma casa de farinha, de acordo com Sr. Manuel (2014) “[...] Ai dentro dessa casa de farinha ai existe esse forno que lá que fazia... [...]”.

É importante destacar, que a localidade do Forno Velho situa-se nas propriedades da Empresa Ducoco S.A., que seria a “firma” mencionada pelo Sr. Manuel (2014). Assim, além do interesse coletivo (a equipe de Arqueologia-UFPI e membros da comunidade) de verificar o potencial arqueológico do local, existe também a necessidade de registrar e documentar a possível ação que a Empresa Ducoco S.A. teve em relação ao local Forno Velho.

4.3 Marcos Territoriais – Lugares de Memória

Os marcos territoriais não são vistos somente como pontos limítrofes das “antigas terras do aldeamento”, mas também como pontos de *ser*¹¹ Tremembé na região, locais de pertencimento desta comunidade.

4.3.1 Marco Territorial - Forno Velho

O Marco Territorial Forno Velho (Fotografia 20) está localizado dentro das terras que atualmente estão em posse da Empresa Ducoco Agrícola S. A. (denominada pela comunidade como “Firma”). As coordenadas UTM são 24M 0410239/9667028.

O percurso realizado até o marco foi pelas vias de acesso da Empresa Ducoco, sendo necessário adentrar a propriedade passando por cancelas e guaritas (Fotografia 19).

¹¹ Ser situação de existência e permanência no lugar (Borges, 2010).

Fotografia 19 – Guarita da propriedade Empresa Ducoco Agrícola S.A.



Foto: VILELA, 2015.

A área onde localiza esse marco territorial possui como características geoambientais: clima tropical quente semi-árido, o relevo de tabuleiros pré-litorâneos, com depósitos de areia quartzosa marinha e complexo vegetacional da zona litorânea, com presença marcante de caatinga arbustiva aberta e caatinga arbustiva densa, tal vegetação dificultou o acesso até o ponto do marco.

Segundo o relato oral do Sr Manuel (2014, grifo nosso), o Forno Velho é um sítio e o principal marco das terras indígenas Tremembés, é também marcador limítrofe das localidades Passagem Rasa e Lagoa Seca.

Pois é, ai o que se aconteceu e **além de ser um sítio** ele é, como é que se diz? **O marco da terra**, o mais principal de todos, pois é que já fica lá de lá e que faz canto com... a Passagem Rasa, pra chegar até a Lagoa Seca, né?... Ai o que é que se aconteceu, o Forno Velho até a década de 80, 85, até o 85 eu cheguei a passar no Forno Velho, ainda tinha como a gente identificar o Forno Velho, ainda tinha como a gente ver e olhar e descobrir todo. Por que lá, olha, tinha tijolo, lá tinha ainda, um jeito da cinza da época, né? é o.. lá, o aterrado (MANEUL, 2014).

Ainda segundo Sr Manuel (2014), desde a década de 80, o Forno Velho possui estruturas que remontam aos antigos ocupantes da região. A prospecção realizada no local permitiu visualizar e localizar vestígios dessa estrutura, vestígios do que a comunidade reivindica como marco territorial (Fotografia 20 e 21).

É importante ressaltar que a área do Forno Velho pertence atualmente a Empresa Ducoco (Firma). Tal localidade já sofreu vários tipos de intervenções de cunho antrópico, como plantação de monocultura de coco e aragem do solo.

É evidente que existe a necessidade de intervenções arqueológicas intrusivas (subsolo) para verificar a existência de mais materiais dessa estrutura. Uma vez que, a vegetação de caatinga densa dificultou a visualização de mais materiais em superfície.

Fotografia 20 – Índios Tremembés realizando prospecção ao Marco Forno Velho



Foto: VILELA, 2015.

Fotografia 21 – Vestígios de estruturas em superfície – Forno Velho



Foto: VILELA, 2015.

Segundo Sr. Manuel (2014), as ações de uso e ocupação da localidade pela “Firma” está degradando o local e aos vestígios remanescente da estrutura do Forno Velho:

[...] Ai, o que é que aconteceu? **Ai a Firma bolando, né? Ficou por conta da Firma**, a gente não teve o que justamente o que eu to dizendo, a gente não

teve aquela esperteza, de cuidar do que era nosso e a **Firma cultivando, passando o trator, roçando pra lá e pra cá...** Existe, existe, ainda existe algumas coisas do Forno Velho, **mas é lá em baixo que a gente vai achar.**

É notório as ações de degradação no local Forno Velho, principalmente pela prática agrícola causa pela “Firma”. É importante ressaltar que quando estávamos finalizando a prospecção ao Forno Velho, fomos acompanhados por funcionários da “Firma” que dirigiu a equipe de prospecção até a saída das terras da empresa. Tal fato conota a situação de tensão e conflito entre a Empresa e a comunidade Tremembé.

4.3.2 A Pedra: Localidade e possibilidade de sítio arqueológico

O local denominado “Pedra Antiga” consiste em uma região de tabuleiro litorâneo, dentro de terreno areado com plantação de milho no entorno, que fica na localidade da Tapera. O terreno pertence ao Sr. Manuel do Nascimento (agricultor e índio Tremembé).

A Pedra Antiga constitui se em uma rocha de arenítica, conhecida popularmente como “Cabeça de Jacaré”, neste local foi possível constatar a presença de material cerâmico utilitário e construtivo despeço em superfície, em uma área de aproximadamente 2500m² (Fotografia 22 e 23).

Fotografia 22 – Local “Pedra Antiga”



Foto: VILELA, 2015.

Segundo Sr. Manuel dos Santos, o local é conhecido pela comunidade como A Pedra Antiga, “os antigos” (em referência aos avôs e as pessoas com mais idade) recomendavam que a pedra nunca fosse removida do local.

Fotografia 23 – Pedra Antiga e material cerâmico utilitário em superfície



Foto: VILELA, 2015.

O proprietário da terra Sr. Manuel do Nascimento apresentou a equipe de prospecção um machado de gnaisse com marca de uso, tal artefato foi encontrado em suas terras quando arava o solo para o plantio de milho (Fotografia 24).

Fotografia 24 – Sr. Manuel do Nascimento segurando material lítico



Foto: VILELA, 2015.

4.3.3 Marco Territorial Cabecim

O marco territorial Cabecim consiste em pequenos arrecifes de corais localizados na linha da praia de Almofala - CE, que possui as seguintes coordenadas UTM: 24 M 0414751/967240 (Fotografia 25).

Segundo o relato oral do Sr. Valete, o Cabecim é um local mítico, que seu avô havia visto um barco com as luzes acesas na madrugada que desapareceu de repente nas proximidades do Cabecim.

Fotografia 25 – Marco Territorial Cabecim



Na margem da praia próximo ao Cabecim, encontram-se dois sítios arqueológicos: Sítio Lagoa do Toco e Sítio Duas Moitas. Desse modo, é importante ressaltar que entre os três pontos: Cabecim, Sítio Lagoa do Toco e Sítio Duas Moitas existe a ocorrência de material arqueológico (cerâmico, lítico lascado e material histórico – férreo – Fotografia 26) em superfície.

Fotografia 26 – Material arqueológico em superfície



4.3.4 Marco Territorial – Amexeiras

O Marco Territorial Amexeiras é uma região de tabuleiro litorâneo, entre dunas com vegetação densa. As coordenadas UTM são 24 M 414259/9670185.

O acesso ao local é realizado pelas dunas, de modo que foi necessário deixar o carro a 400 metros de distância do ponto, e fazer o percussor com caminhadas (Fotografia 27).

Fotografia 27 - Prospecção – metodologia de caminhamento e varredura



Foto: VILELA, 2015.

A vegetação, as dunas e as pequenas lagoas dificultaram o acesso ao local.

Fotografia 28 – Entorno do marco territorial Amexeiras



Foto: VILELA, 2015.

A equipe de prospecção pode constatar que não existe mais as plantas chamadas de Amexeiras, no local do ponto existe uma árvore frondosa, denominada pelos índios Tremembés como “Azeitoneira”. Segundo Sr. Manuel dos Santos o local é utilizado pelo Pajé para realizar rituais de cura.

5 Conclusão

O resultado obtido pela presente pesquisa possibilitou vislumbrar o grande potencial não somente científico, do ponto de vista arqueológico, mas poético e político da comunidade de Tremembé de Almofala. Tal potencial é extremamente importante para os pesquisadores, como também para a história das populações indígenas da região da Costa Norte do Brasil.

Os dados arqueológicos alcançados na região de Almofala- CE com os Tremembés podem ser comparados em trabalhos da área de arqueologia e história (BORGES, 2006, 2010), ou utilizados como complemento no processo de demarcação da terra indígena (FUNAI, 1992). As prospecções arqueológicas evidenciaram o potencial do conhecimento indígena para a identificação, caracterização e interpretação dos marcos territoriais e dos sítios arqueológicos da região. De maneira que, a oralidade é um dos principais vetores desse potencial, pois elucida o universo simbólico da região.

Em relação ao fazer arqueológico (a pesquisa arqueológica), a arqueologia colaborativa nos proporcionou experiências e conhecimentos gigantescos, que extrapolam o período da presente pesquisa, e que certamente não foram esgotados com o relatório. Tal afirmativa elucida a continuidade da pesquisa em Almofala futuramente como Trabalho de Conclusão de Curso e projeto de mestrado.

Assim, afirmamos que a narrativa científica proposta neste trabalho não é neutra, tornou-se parte da rede de significado e representações da comunidade Tremembé de Almofala, que por nós pesquisadores arqueólogos foi transcrito em um discurso arqueológico, que escolheu um lado para militar. Somente assim foi possível realizar este trabalho, trocando conhecimento e experiências com a comunidade.

Pôde-se constatar que a região em estudo teve um processo de ocupação longo e intenso, sendo que esse processo faz parte da oralidade e da memória coletiva e atualmente é utilizado para legitimar a luta pela ancestralidade e a origem comum, bem como pelo reconhecimento étnico.

6 Agradecimentos

À toda comunidade Tremembé de Almofala, em especial aos professores da Escola da Tapera, e aos moradores Sr. Manuel dos Santos, Sr. Valete, Sr. Manuel Pirino, Sr. José Ednar, Sr. José Arteiro, Sr. Estevão e a Dona Santa Marciano. À professora Dr^a Jóina Freitas Borges e a Universidade Federal do Piauí pelo apoio logístico e financeiro.

Apêndice

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

ENTREVISTADO: Manuel dos Santos – M.S.

ENTREVISTADORES: Jóina Freitas Borges – J. B; Tailine Rodrigues Valério da Silva (gravação) – T. R.; Ludiane das Chagas Vilela – L.V.; Francisca Regina Passos – F. P.

LOCAL DA ENTREVISTA: Escola Indígena da Tapera – Almofala – Ceará.

TRANSCRITOR: Tailine Rodrigues **REVISÃO:** Ludiane das C. Vilela.

DATA TRANSCRIÇÃO: 28.11.14 a 16.02.15

ENTREVISTA: 28.10.2014.

J. B.: Ela vai escrever, ai ela vai botar o seu nome, e ai ela vai pedir autorização pra botar. Entendeu? Ai, se ela for escrever agora, ela não vai conseguir escrever o que o senhor tá falando essa história ai, a gente quer essa história... É o Seu Manuel, né isso?

M. S.: É.

J. B.: O senhor autoriza então, que ela, que ela anote né? Que tem que autorizar gente, porque a fala da gente é nossa, então se eu quiser publicar uma coisa sem autorização de vocês, não posso não. Eu tenho que ter autorização de vocês pra publicar. Qualquer coisa. Por isso que eu pergunto. Ta certo? O senhor autoriza eu escrever?

M. S.: Pode escrever

J. B.: Pronto.

M. S.: É só que pra gente é assim, todas palavras que a gente solta, se escrevesse era melhor, porque... Ficava registrada, ai não esquecia mais nunca... Pois é, é o seguinte. Eu já ouvi muito os mais velhos falar na botija, né?. A botija é porque antigamente, segundo que nos falavam que dinheiro era mais, mais moeda, diz que a moeda que se encanta, né? A cédula não... Parece que a moeda ela se encanta, e a botija já acho que começava por ai. O povo não tinha um baú, não tinha um banco, não tinha... E algumas moedas eles pegavam e enterravam e lá se formava este encante. Que a botija é um encante, né? Que podia se encantar e lá se formava uma botija. Ai a gente, acabava vendo o claro, no fogo, é que nem a história do Eudeir, na oiticica, na oiticica até tinha este fogo, até eu cheguei á... Não vi assim, assim pertinho, mais eu vi o claro né? E quando ele chegava perto... O claro se apagava, pois é, e algumas pessoas, algumas pessoas na época. É o caso de eu dizer que foi a botija, que a metade já não apareceu mais. Teve pessoas que arrancou, né? Segundo diziam que era um pote, cheio de

dinheiro, de moeda.

J. B.: Há, então não é o que eu to falando não. É uma grande né?

M. S.: É. Ai eles enterravam, eles cavavam aquele buraco, colocavam aquele dinheiro dentro, e parece que era até mesmo uma parte desse trabalho que eles faziam, eu acho que era quase também, era quase um sistema de uma religião, entendeu? É, tem parece ai pelo meio tem uma história de salvação.

T. R.: Nossa.

M. S.: É, entendeu?

J. B.: Como assim?

M. S.: Tem uma história de uma salvação, é por que si, a pessoa enterra aquele dinheiro, né? O dinheiro se encanta, então pra aquela pessoa já não serviu mais. Mais vamos supor, se eu enterrar um dinheiro deste, ai quando eu for lá eu não encontro mais nenhum lugar mais, ai só que com o tempo eu vou indo, vou indo, ai “pam”, ai e eu morro. Ai, segundo a história diz que, se por acaso, ai depois a alma, tem, tinha uma tal duma alma, mas hoje em dia acabou-se essa história, daqui a pouco a gente fala, a alma vai lá e quando chega lá, num sonho, procura um jeito lá e conversa com a pessoa. Ai aquela pessoa é escolhida pra receber aquela botija, né? Ai lá conversa e entrega, mostra o lugar e tudo e dado... Ai, aquela pessoa vai lá e chega lá, cava, se por acaso aquela pessoa cavar e arrancar, segundo a história diz que aquela alma vai ser salva. Pois é, aquela alma que enterrou aquele dinheiro vai ser salva. Ai aquela pessoa que cavou aquele dinheiro, que cavou aquela botija e arrancou, ai dali, por que diz que se vê só em ouro, né? Ai a partir daquele momento a pessoa já não fica mais pobre, não é mais pobre, enrica. Mas também tem que se mudar do lugar que, que mora. Vai se mudar pra outro lugar, daí nunca mais muda ou passa ali, por que no momento que passar ali, ele bate o catolé também...

J. B.: Ele o que?

[Risos]

Várias vozes: MORRE...

Vozes: Vocês tão entendendo? Vocês tão entendendo?...

M. S.: Ai morre também, tem que se mudar, vamos supor, que se, se...

J. B.: É todo complexo, né?

M. S.: É, se uma pessoa daqui, agora, hoje, ai vocês que são do Piauí tudo bem, se essa botija que tem aqui, a alma viesse e lhe desse, ai no caso você podia...

[Risos]

T. R.: Só que ai eu não poderia voltar pra fazer o trabalho. Como assim?

[Risos]

T. R.: Quero não. Não quero essa botija não.

J. B.: Não! Não precisa, ninguém é ganancioso não! A gente dorme muito bem sem botija! A gente arranja dinheiro de outro jeito, né?

M. S.: Ai se por acaso for com uma pessoa daqui, se for uma pessoa daqui que arrancar essa botija, ai ele tem que ir embora daqui, tem que deixar família, a família de casa tudo bem, mas os irmão e tudo, tem que ir embora, pra mor de viver mais uns dias. Por que se ficar no lugar, também com pouco tempo, morre. Pois é, é o seguinte, aqui na época, a gente não morava aqui, aqui era mata. Pronto, se você olhar aqui você vê os mato aqui e hoje eles não tão grande mesmo, bem matona porque a gente sempre tá de vez em quando tirando uma varinha, uma coisa... Ai mais, tudo isso aqui era mato, onde nós tamos aqui hoje. Ai a gente morava na antiga Tapera, lá, que aqui a gente chamava tapera, por que a gente veio pra cá e a gente tem o costume de ... Mas que aqui não é a tapera própria, que é a antiga tapera, ai depois a gente veio vindo, veio vindo e veio vindo, ai até que foi na época em 79, que a firma deu inicio todo trabalho e ai pegou a gente de lá e jogou pra cá. Ai aqui a gente tinha, tinha aqui a história dessa botija aqui, é verdade, tinha aqui. Bem aqui tinha o cajueiro da alma, segundo lá, eu nunca vi não, até passei por lá umas noites, mas devia da gente saber que era o cajueiro da alma, que a gente tinha aquele preconceito, a gente sempre passava vendo a hora, vendo a alma, mas tinha gente que se encontrava com as almas, mas diz que ali era alma, era uma festa...

[Risos]

M. S.: Ai, hoje no dia do caso, só mais uma pra vocês verem o que foi que eu falei ainda agora, a botija assombrava o povo na época e hoje a botija se assombra com o povo, por que nesse dito cajueiro da alma, hoje mora gente, e não vê a alma, né? Se tá entendendo? Lá, no lugar do cajueiro mesmo, bem parece que arrancaram o cajueiro e botaram uma casa, hoje mora gente... Hoje, essa botija que tinha aqui, o tio Calisto veio, morou aqui e hoje ta ai, a gente ta aqui e ta tudo acabado, né?

J. B.: É por que essas coisas têm que ter uma energia

Alguém: E vibrar, vibração...

J. B.: E vibrar. Ai se você vai mudando essa energia elas também ...

M. S.: Eu vejo o jeito, é só mais pra vocês vê negrada, só mais uma pra vocês vê como a gente, a gente com a continuação do tempo a gente acaba perdendo um bocado de coisa. A gente pensa que não vale nada:::: Ai a gente acha que aquilo não tem, não tem

um futuro, as vezes pode até pesar isso, e que sorria disso e a gente acaba perdendo as coisas, por que, nós temos aqui a história do nosso Cabecin. Pronto! O Cabecin ele nem aumenta, nem minguava e nem aumenta e se não minguava, aumenta, é que não aumenta.

J. B.: O que é Cabecin?

Alguém: A pedra.

M. S.: Por que a areia vai aterrando, pois é e vai se desgastando um pouco, de qualquer maneira vai se desgastando um pouco, pois é. Do Cabecin, nós temos vários pontos, que está no mapa, mas a gente está no mapa só na história, mas ai eu pergunto cadê? Cadê as Ameixeira, cadê a Carnaúba Furada e depois disso, nós temos a história do nosso Forno Velho. Pois é, do nosso Forno Velho! Se a gente tivesse tido um... É assim, como é que se diz? Um... Tivesse se espertado nisso e que a gente tivesse pudido fazer, lá um jeito...

J. B.: De resguardar.

M. S.: Porque lá é um sítio, é um sítio mesmo.

J. B.: Claro.

M. S.: Pois é, o nosso Forno Velho é um sítio que nós deixamos se acabar e com se levantar novamente...

J. B.: É de patrimônio imaterial, as histórias que tem lá, com certeza

M. S.: É que fica um pouco difícil...

J. B.: Certíssimo...

M. S.: Pois é, ai o que se aconteceu e além de ser um sítio ele é, como é que se diz? O marco da terra, o mais principal de todos, pois é que já fica lá de lá e que faz canto com... a Passagem Rasa, pra chegar até a Lagoa Seca, né?... Ai o que é que se aconteceu, o Forno Velho até a década de 80, 85, até o 85 eu cheguei a passar no Forno Velho, ainda tinha como a gente identificar o Forno Velho, ainda tinha como a gente ver e olhar e descobrir todo. Por que lá, olha, tinha tijolo, lá tinha ainda, um jeito da cinza da época, né? é o.. lá, o aterrado. E tinha, e lá todos os anos quando chovia, nascia carrapateira, lá no Forno Velho, todos os anos quando chovia nascia no inverno carrapateira, pois é... Isso lá era, era, era, anual. Ai, o que é que aconteceu? Ai a firma bolando, né? Ficou por conta da firma, a gente não teve o que justamente o que eu to dizendo, a gente não teve aquela esperteza, de cuidar do que era nosso e a firma cultivando, passando o trator, roçando pra lá e pra cá... Existe, existe, ainda existe algumas coisas do Cabecin, mas é lá em baixo que a gente vai achar.

J. B.: Oh, a gente podia ver se não tem vestígios de cerâmica, não? Será? Fazer uma

prospecção pra gente procurar, por que as vezes tem umas coisas muito pouca .

Alguém: É por que no Forno Velho lá é um ...

J. B.: Não, e isso que o senhor falou é muito importante, é como o senhor falou, são sítios mesmo...

M. S.: Com certeza.

J. B.: Pode não ter nem, pode não ter nem nada material, mas a história de ser aquele lugar de representar, o que ele representa, é um patrimônio imaterial. Vocês lembram daquele filme que a gente assistiu? Dos Narradores de Javé? Vocês nem lembram? Né? Vocês lembram né?... É patrimônio gente, isso também, o imaterial... É importante de ver isso aí que ele ta falando, seu Manuel, muito importante... É um sítio mesmo, tá certíssimo...

Vozes...

M. S.: Existe até um porém ó, existe até um porém assim, é por que hoje, hoje... É isso que eu acabei de dizer, de devido a nossa, do nosso descaso, a gente, não teve essa atividade, aí hoje por causa de uma firma, pra gente poder chegar até lá, de repente pode ser preciso, procurar uma autorização.

J. B.: É que passa dentro do território...

M. S.: É...

J. B.: Ah! É dentro mesmo...

M. S.: É dentro mesmo, nos fundos da firma... Eu sei que eles jamais, eles vão deixar de dar essa autorização a gente, mas a gente vai passar por uma série de coisa que, que, vai ser preciso fazer isso pra chegar até lá. Por quê? Eles aí, eles consideram até se a gente botar o pé no caminho e for até lá e eles descobrirem que a gente ta fazendo esse trabalho, eles consideram como uma invasão de...

J. B.: É uma ofensa, é uma coisa pra não ter confusão.

M. S.: E eu sei com certeza, que a gente indo eles podem... Mas sempre tem uma dificuldade. Pois é, sempre tem uma dificuldade. Não é fácil assim também, que a gente possa ir até lá, né? Mas também, nós temos aqui também autoridade, basta ser os mais velhos, as lideranças... Nós temos aqui autoridade, se der, se autorizar a gente vai, se não autorizar a gente vai sem. Pois é, por que é coisa nossa... É coisa nossa, deste negócio também... Eu acho que não é mole e não existe, mas eu acho que a gente tem que...

J. B.: Mas a gente não tem que fazer as coisas assim.

Alguém: Seu Manuel, eu não me lembro quando, mas foi no limite, no nosso limite nós

fomos fazer uma visita lá, pulei nos matos...

J. B.: Vocês foram?

Alguém: Nós fomos, tivemos lá...

J. B.: Pediram autorização, o foram... ? Passaram na seca mesmo?

Alguém: Pedimos autorização não, mas os vigia eram amigos, andava por ali direto.

S. M.: Mas, em que época?

Alguém 1: Eu não lembro o ano, não me lembro, está com dois anos?

Alguém 2: Tá com mais, mais de três anos.

Alguém 3: Tá com uns seis anos, foi mais ou menos em 2002, 2001, por ai...

J. B.: Vocês tão tudo ficando velho, né? Em 2001?

[Risos]

Alguém: Tamo mesmo né?

M. S.: Mais, ainda viram o rastro do Forno Velho?

Alguém: Nós, foi descoberto, foi descobrindo o Forno Velho lá, ainda tinha lá os vestígios... Nós cavemos... Quem achou foi até o Manel Pereto com a foixa, nós cacemos em todo canto terreiro num mato lá e ele cavando lá encontrou o Forno Velho.

S. M.: Mas vocês deixaram alguma identificação lá?

Alguém: Não.

Alguém: Foi marcado, nós marquemos as árvores...

J. B.: Que já tão tudo grande, né?

Alguém: É, quanto tempo faz? Foi até uma Almeixera, Almeixera não, como era o nome?

Alguém 2: Não lembro agora.

Alguém 3: Mangueira.

Alguém: Mangueira não, era aquela outra lá como é o nome que é do bicho amarelo, cara? Do tronco amarelo?

M. S.: É, marifinin...

Alguém: É, marifinin, marifinin. Nós! Sei que nós marcamos bem umas três arvores...

(Silêncio)

J. B.: Fica na lista isso aí, né? Eu achei super importante isso aí. Isso que ele falou é muito importante.

M. S.: A gente, agente tem, a gente aqui eu acho que vai morrer de velho e nunca no mundo apren... Sempre aprendemo, pronto, sempre é lutando pra gente se aprende. Aprendendo não. Lutando pra gente se aprende as coisas. Por que é, propostas boas a

gente cria, a gente sabe, a gente tem gente aqui que é quase um compositor, pra criar as coisas, cria mesmo e joga, só que as vezes a pessoas, quer dizer... A comunidade num, num, num age da maneira correta... é, quer dizer, agora não quer dizer que eu sou compositor...

[Risos]

J. B.: Pior que é, né? (risos)

M. S.: Mas eu criei uma proposta, eu, e vocês sabem disso, isso criada por mim, eu sonhei e pensei do meu jeito e eu joguei, pra ver se a gente chegava até lá... Só que, cadê? Cadê? Com uma luz, tem o Forno Velho, o::: Cabecin... o Cabecin é verdade se você for na Maré Seca você vê o Cabecin perfeito. E segundo a história diz que lá é um barco, é um barco, um princesa, um barco um encalho lá e lá, identificou a aldeia dos índios tremembé, é um princesa, ai agora não, mais antigamente as pessoas chegavam lá, no morro lá, acho que era outro, era outro, outra botija, outra botija lá, dentro do mato. Ai, vocês sabem dessa história, vocês sabem? É verdade, é verdade, ai é o seguinte, viu a beleza mais bonita do mundo, cunaram todos os apartamentos e tudo, ai, nós temos o Cabecin, só que pra nós ta faltando, as Almeixera, pra nos tá faltando a Carnaubeira Furada, que nós não temos mais, pra nós ta faltando, o Forno Velho, menos, menos... Por que mor de a gente ir pra lá é certeza que não vai achar, mas se cavar, se fizer um esforço e seria bom que tivesse o caminho e fosse até lá e dissesse, aqui é o marco da nossa terra, e isso não existe. É, ai é o seguinte, o que é que eu falei pras pessoas, olha negrada, a gente tem que ir á carnaubeira furada, nós vamos fazer uma coluna de cimento armado... QUE MEDO ESSE MACHO? Pra mim existia um MEDO, pois é, de a gente não ter feito esse acabamento... Por que ai, fazia um letreiro lá e poderia se chamar Carnaubeira Furada, que aqui ta identificando a nossa Carnaubeira Furada, que não existe mais hoje. Fazia outra lá, debaixo, levantava um pilar bem debaixo e levantava uma coluna bem grande que você vissem ela bem de longe... As Almeixeira, já que não tem a planta que, que tinha na época, as Almeixeira. E eu tenho certeza negrada, como se nós tivesse feito isso a coisa tinha melhorado. Sabe porquê? É por que hoje a firma ta se considerando um patrimônio dentro dum patrimônio que não é deles, por que se a firma olhar pros marcos das nossas terras, que a gente diz que é os marcos da nossa terra, se a firma olhar, se a firma olhar, não vê... Não vê... E se ela visse, se eles visse, eles tinham uma grande certeza que eles tinham uma firma dentro de um patrimônio que não era deles, você ta entendendo? E a gente acabou, não agindo da maneira correta... Ai o pajé até concordou e na hora achou uma

dificuldade e tal e tal... Ai o que que nós fizemos, pegamos umas estacas e fomos botar, né? enfiar a estaca... Quando a estaca desapareceu... [risos]... Pois é, estaca, adiantou de alguma coisa? Não adiantou de nada, Pois é, ai depois pegaram, fizeram umas estaquinha, que eu não sei se foi comprada ou se foi feita, Robério?

Alguém: Comprada...

M. S.: Umas estaquinha de cimento, né? Pois é, também não adianta, não adiantava, e agora se tivesse feito do jeito que eu falei, hoje a coisa tava muito mais fácil pra gente, por que ali, o que podia acontecer? É que a gente sabe que esse terreno ai do lado de cima, que vem dos Patos prá cá, a gente sabe que esse terreno ai ele tá em ponto de venda, se não me engano já ta vendido, pois é, e eu não sei mais como é que tá, essa história desse terreno ai, mas esse terreno ai tá vendido, pois é, ai se por acaso tivesse esse... a gente não tinha se batido do jeito que a gente se bateu ai, foi preciso se fazer reunião a donde? Nos patos, foi sim, foi preciso se fazer reunião na batedeira, não sei, foi preciso se fazer reunião não sei a donde, por mor de poder acertar uma coisa pra ... e se nossa identificação lá, jamais nós tinha ido perder o nosso tempo fazendo reunião com ninguém, por que então...

J. B.: Tava marcado...

M. S.: Tava marcado, e a gente não teria essa atividade pra fazer... Ai por causa da gente não ter essa esperteza a gente acaba perdendo alguma coisa, com certeza...

[Silêncio]

M. S.: E tinha um homizinho também, cadê? Tá enfadado...

J. B.: Seu Manuel, o senhor fala bonito viu. Então todo mundo fica olhando assim, ó... [risos] ... Gente, ele fala muito bonito, com essa voz de locutor...

Alguém: É, bonito nem é a voz, bonito é ele.

[Risos]

M. S.: Quando os homens acham, as mulheres também, com certeza...

[Risos]

J. B.: Não seu Manuel, o senhor falou muito de coisa muito importante ai, tô vendo é mais trabalho e não sei como é que eu vou fazer, por que tem muito trabalho nesse história ai. Olha eu achei muito legal o que ele colocou gente. Muito importante mesmo... Isso é muito importante. Era bom fazer alguma coisa, a gente investigar mesmo, encontrar o que a gente faz.

Alguém: Outro negocinho, o Forno Velho ali... E as coisas que a gente... As escolas, sempre visam é aula de campo, né? Por que né, e é até mais fácil, de fazer uma aula de

campo e foca lá pra visitar eles.

J. B.: Ter o acesso, né?

Alguém: Ter o acesso, por que no fundo a empresa vai ter como dizer um não pra uma escola, né? Ainda mais uma coisa que a empresa ta tendo posse, mas que entre aspas não é dela, também é nosso, né?

J. B.: Vocês chamam de Forno Velho, o que é efetivamente o que é? Um forno da época de quando? É um forno mesmo, como é?

Alguém: é um forno.

M. S.: é um forno mesmo, é de mancha de roça de mandioca, quer dizer...

Vozes: É que lá funcionava uma casa de farinha... Antiga...

M. S.: é que se chamava casa de farinha

J. B.: Uma casa de farinha antiga...

M. S.: Ai dentro dessa casa de farinha ai existe esse forno que lá que fazia...

J. B.: E lá já era antes de ser a casa de farinha, já era um local assim antigo, ou não?

M. S.: O Forno Velho?

J. B.: Sim.

M. S.: O Forno Velho ele é a marcação da terra e quando os nossos avôs, nos bisavôs se entenderam, já foi, já tinha, já existia o Forno Velho...

J. B.: Já existia o Forno Velho...

M. S.: Eu acho que assim, porque só... Eu mesmo quando eu era menino, eu to com 56 anos, ai eu era menino na época, meus avôs, meus tios, falavam sobre o Forno Velho, mas negrada, espera ai, não tinha outro assunto, era só encima macho, era só em que falavam... Falavam em algumas coisas mais...

J. B.: Voltavam pro Forno Velho...

M. S.: Voltavam pro Forno Velho com certeza...

J. B.: Mas ai, isso nessa época o Forno Velho...

M. S.: Já tava deteriorado, mas um deteriorado...

J. B.: Mais a empresa já tava, a empresa já tinha?

M. S.: Não tinha não...

J. B.: Tomado não...

M. S.: Não, hum-hum... O Forno Velho já tava deteriorado né, e era até difícil, era até difícil da gente morava aqui na tapera da gente ir no forno velho, minha Nossa Senhora do céu, era uma felicidade...

J. B.: Ai eles falavam que era como um lugar de fazer farinha, antigo, mas também

como um dos marcos da terra?

M. S.: É por que, assim, é, vêm do...

J. B.: Pronto, ta vendo visagem...

[Risos]

M. S.: Vêm dos antepassados, é todo história, essa história que eu to contando agora, eu to contando e alguém pode dizer que é mentira, pois é, alguém pode dizer que é mentira, e eu não posso confirmar por que eu não vi, entendeu? Eu não vi... Pois é, segundo o que eu vi, foi os mais velhos sentados e contando essa história... Pois é, agora dizer que eu vi a casa de farinha levantada, que eu vi o forno, ai eu não pude...

J. B.: Mas ai já vem dos seus avós, contando...

M. S.: Já vem, todas essas histórias já vem de lá... Ai é o seguinte, é, eles contavam, já eles contavam que quando eles chegaram a alcançar esse forno velho, o forno velho já tava deteriorado, já era de outros, dos mais antepassados ... Pois é... Ai...

Alguém: Ai...

M. S.: Barata menina...

J. B.: Ai que nojo...

[Risos]

J. B.: Ai, é o bicho que eu mais tenho nojo no mundo é esse ai...

M. S.: É o pote de...

Alguém: Barata, desse tamanhozinho...

J. B.: Se fosse um rato ele podia ficar passeando por ai e eu não tirava os pés, agora barata eu tenho nojo demais...

[Risos]

J. B.: Se fosse um sapo eu pega eles... Ela vai vir bem pra cima de mim, por que sabe que eu tenho medo...

Alguém: É as almas...

L. V.: Que gente! Que história de alma...

[Risos]

L. V.: Minha filha, mude de rumo, pras tuas coisas...

M. S.: Isso ai ela anda procurando já um outro animal pra comer ela...

[Risos]

Alguém: Uma briba, no caso...

[Risos]

J. B.: [...] Ela é bondosa mesmo...

[Risos]

M. S.: Ai a gente não mata, a gente deixa que ela vai...Ela procura o destino dela ...

J. B.: Ê Seu Manuel, poxa, senhor falou umas coisas bem importante viu... Vai aumentar nosso trabalho... Muito bem... Isso ai é super... Não é? Vocês não acham que é bem importante isso ai que ele falou... Oh meu Deus, ela tava vindo pra cá?

L. V.: Não! Ela ta quietinha... Seu Manuel deixa eu te fazer uma pergunta? A Carnaúba Furada ela é um tipo de árvore ou é um marco que vocês fazem?

M. S.: A carnaúba furada era uma carnaubeira mesmo...

L. V.: Ah,é a carnaubeira mesmo, é o nome dela mesmo...

J. B.: É a arvore que ela tinha, talvez tivesse algum furo e ai é um marco fácil de ser identificada...

M. S.: É o seguinte, é porque o marco da terra ele, quando foram passar, ai segundo o que os mais velhos falavam é que a agulha pegou bem no meio da carnaubeira... Entendeu? Ai teve que furar a carnaubeira... Que era um modo de não torcer nem pra um lado e nem pro outro... Ai se chama carnaubeira furada...

J. B.: E a outra é Almexeira? Que arvore é essa, Almexeira?

M. S.: Almexeira é uma planta que antigamente tinha aqui, dava até um frutuzim bom, a Almexeira...

J. B.: Ah, será, não é a castanhola não? Você tem castanhola aqui?

-- --

J. B.: Será que o que a gente chama de castanhola lá em fortaleza?

M. S.: Não é outra... Almexa ela é um pouco maiorzinha que um cajá ...

L. V.: E a carrapateira?

M. S.: A Carrapateira aqui a gente, a carrapateira tem um bocado de nome... Tem o nome de carrapateira mais tem os apelidos, é momoneira

J. B.: Ah, momoneira, certo...

R. P.: Mamona, aquelas bichinha toda... É , é mamona mesmo, aquilo ali no Piauí... Aquilo ali dói, quando é menino e se joga...

[Risos]

R. P.: Você não brincou paulista...

[Risos]

J. B.: Pois pronto...

[FIM DA GRAVAÇÃO]

7 Bibliografia

ALMEIDA, M. R. C. de. **O lugar dos índios na história: dos bastidores ao palco.** In: Os índios na História do Brasil. Rio de Janeiro: Editpra FGV, 2010.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Mapa inacabado da complexidade.** In: Geografia - ciência do complexus: ensaios transdisciplinares. SILVA, A. A. D. da & GALENO, A. (org). Porto Alegre: Sulina, 2004. BARROS, Manuel de, **Janela da Alma.** Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/manoel_de_barros/>.

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica.** Lisboa: Edições 70. 2006.

BORGES, Jóina Freitas. **Os senhores das dunas e os adventícios d'além mar: primeiros contatos, tentativas de colonização e autonomia Tremembé na Costa Leste-Oeste (século XVI e XVII).** Niterói: UFF\UFPI, 2010. (Tese de doutorado digitada).

_____. **Sob os areais: Arqueologia, História e Memória.** Teresina: UFPI, 2006, (Dissertação de mestrado digitada).

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Artigo 216/1988.** Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em 10.08.14.

BRASIL. **Lei 3.3924/1961.** Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos (Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm>. Acesso em 10.08.14.

CARLOS, A. F. A. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Introdução a uma história indígena.** In: HISTÓRIA dos índios no Brasil. 2.ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2006. p.9-24.

DOMINGO, Inês et al. **Manual de Campo Del arqueólogo.** Madri: Ed. Ariel, 2010.

FERNANDES, T. **Vamos criar um sentimento?!** O olhar sobre a arqueologia pública no Brasil. São Paulo: USP, 2007. (Dissertação de mestrado – digitada). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-15042008-144626/>>. Acesso em: 14.11.14.

GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HILBERT, Klaus. Como as pessoas e as coisas se fazem entender In: **Arqueologia, etnologia e etno história em Ibero-América: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2010.

LITTLE, Paul Elliot. **Ecologia Política como Etnografia: Um Guia Teórico e Metodológico**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 12, n.25, 2006.

MACHADO, F. P. **Memória social e afirmação étnica na tradição oral dos tremembé de Almofala (1980-2012)**. In: XXVII SNH. XIII ANPUH 2013. Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364835100_ARQUIVO_artigoAnpuh.pdf>. Acesso em: 14.02.15.

MANZATO, F. **Socialização do patrimônio arqueológico no Estado de São Paulo: proposta de plano de gestão, interpretação e visitação turística em áreas arqueológicas**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia- USP/MAE: 2013. (Dissertação de mestrado digitalizada).

MESSEDER, M. L. **Etnicidade e Diálogo Político: A Emergência dos Tremembé**. Salvador: UFBA/Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas-Mestrado Em Sociologia, 1995. (Dissertação digitalizada).

MONTEIRO, John M. As “castas de gentio” na América Portuguesa Quinhentista: unidade, diversidade e a invenção dos índios no Brasil. In: _____. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. Campinas: UNICAMP, 2001. cap. 1, p.12-35. (Tese de livre docência digitada). Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

NASCIMENTO, E. S. **Memória Coletiva e Identidade Étnica dos Tremembé de Almofala: Os Índios da Terra da Santa de Ouro**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2001. (Dissertação digitalizada).

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC: SP**. n. 10, dez. 1993. p. 7-28. (ISSN 01024442). Disponível em:

<<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 20. 11. 14.

NASCIMENTO, Ana Lúcia; LUNA, Suely & Jussara Vieira, GOMES. Projeto Arqueológico Tremembé – Ceará – Brasil. Clio Série Arqueológico N. 14. In: **Anais da X Reunião Científica SAB**. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/cliuarq/images/documentos/2000-N14/2000a13.pdf>>. Acesso em 11.08.2015.

PASSOS, F. R. M. **Arqueologia, história e luta: Os Tremembés, seus sítios arqueológicos, seus antepassados e sua terra**. Teresina: Curso de Arqueologia da UFPI, 2012. (Monografia digitada).

PORTO ALEGRE, M. S. Evocação da terra tirada: Memória social e consciência política na tradição oral do índio Tremembé. In: XXIV Encontro Anual de ANIPOCS. GT Biografia e Memória social. **Anais...** Petrópolis: Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4714&Itemid=357>. Acesso em: 14.02.15.

POLLAK, M. **Memória e Identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wpz/wpontent/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2014.

RELATÓRIO GT TREMEMBÉ. **Relatório do grupo técnico criado pela portaria do presidente Nº 1.366** de 04/09/1992. (GT Tremembé).

SILVA, Fabíola Andréa. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. In: **MÉTIS: história & cultura** – v. 8, n. 16, p. 121-139, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/954/67>>. Acesso em: 10.08.14.

SILVA, F. A. et al. Arqueologia Colaborativa na Amazônia: Terra indígena Kuatinemu-Rio Xingu, Pará. In: **Amazônia**. v. 3, n. 1, p. 32-59, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/viewArticle/629>>. Acesso em: 10.08.14.

SORDI, N. A. D. de. & FONSECA, P. R. P. de. **Manual de História Oral**: Ministério da Justiça. Programa de História Oral da Justiça Federal. Brasília: Conselho da Justiça Federal, 2007. Disponível em: <<https://www2.cjf.jus.br/jspui/bitstream/handle/1234/19/manual%20historia%20oral.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17.10.14.

SOUZA, Marcelo Lopes de .**A expulsão do paraíso**. O paradigma da complexidade e o desenvolvimento sócio-espacial. In: Castro, I.; Gomes, P. C.; Correa, R. L.. (Org.). Explorações geográficas. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A Pesquisa e a Produção de Conhecimentos**. UNESP, 2010. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/a_pesquisa_e_a_producao_de_conhecimentos.pdf>. Acesso em: 11 set. 2014.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. **A cidade como lugar de memória**: mediações para a apropriação simbólica e o protagonismo cultural. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio MAST, v.2, n.2, 2009.

WEBER, Max. **Relações comunitárias étnicas: Economia e sociedade**. Brasília: Editora da universidade de Brasília, 1991.

Entrevista

Sr. Manuel. Entrevista concedida a equipe de Arqueologia-UFPI. Tapera – Itarema – CE, 2014.

Fotografia

VILELA, Ludiane das Chagas. **Fotos**. 2014.

SITE PANORÂMICO. **Imagem da Igreja de Almofala**. Disponível em:

<<http://www.panoramio.com/photo/51598745>>. Acesso em: 14.02.15.

GOOGLE EARTH. **Imagens de satélites de Almofala-CE**. Disponível em:

<www.googleearth.com>. Acesso em: 22.02.15.

Participação em Eventos

- XVIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB, a se realizar entre os dias 27 de setembro e 02 de outubro de 2015, na PUC Goiás – Goiânia / GO.

Título do trabalho enviado: "Arqueologia (N)ativa: Em busca dos marcos tradicionais com os tremembés", aceito no Simpósio Temático "ST: Práticas Arqueológicas Colaborativas: Desafios e Perspectivas", coordenado por "Fabíola Andrea Silva (Museu de Arqueologia e Etnologia USP)".

- IV Congresso Latinoamericano de Antropologia – ALA, a se realizar entre os dias 7 a 10 de outubro de 2015, na cidade do México.

Título do trabalho enviado: "Narrativas de memória, narrativas científicas – nas três pessoas do discurso: os Tremembés de Almofala, *eu* arqueóloga e os *nosso*s cacos", aceito no Simpósio Temático: "Arqueología etnográfica y Etnografía de la arqueología: Un campo de posibilidades".